

Antiquários: um olhar sobre seu trabalho e comportamento informacional

Júlia Gonçalves da Silveira

Doutoranda em Ciência da Informação. Bibliotecária da Escola de Ciência da Informação da UFMG. e-mail: juliags@eci.ufmg.br

Apresenta resultados de estudo exploratório enfocando a problemática dos antiquários, de seu mundo de trabalho, fluxo e uso de informação. Como fontes e instrumentos de pesquisa, que subsidiaram a construção desta pesquisa, utilizaram-se: literatura especializada nas áreas relacionadas aos estudos de uso e de usuários de informação, memórias e biografias de antiquários, depoimentos colhidos através de entrevista e informações da base de dados: Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, do Ministério do Trabalho e Emprego. Conclui que algumas das suposições norteadoras do trabalho foram total ou parcialmente confirmadas, no que concerne ao comportamento informacional dos antiquários envolvidos na pesquisa.

Palavras-chave: Antiquários e trabalho; Antiquários - fluxo e uso de informação; Antiquários comportamento informacional

Recebido em 06.09.2005

Aceito 11.10.2005

Introdução

Definidos sucintamente pelos dicionários como *peças que estudam, colecionam ou comercializam antiguidades*, os antiquários, sob nossa compreensão, representam um mundo mágico e fascinante a ser desvendado, constituindo farto manancial para estudo de diversas áreas do conhecimento humano.

Inter-relações entre o campo da biblioteconomia e ciência da informação e o cotidiano de trabalho desses profissionais podem ser estabelecidas a partir de várias abordagens. Entre elas, a título de exemplo, estudos de questões voltadas para aspectos concernentes à conservação preventiva de objetos e de documentos bibliográficos e não bibliográficos, que configuram acervos antigos, preciosos ou raros; seleção, organização e tratamento técnico de coleções especiais; construção de produtos de informação em formatos diversificados (impressos e eletrônicos); pesquisas sobre fluxo e fontes de informação utilizadas por eles, procedimentos adotados para uso e busca de informação subsidiária ao seu saber fazer profissional.

No cenário literário internacional, os antiquários têm sido alvo de estudos e de inspiração para obras de ficção e de outros gêneros, inserindo aí, livros e guias técnicos especializados em *artes e antiguidades*, biografias, artigos de periódicos técnico-científicos, filmes e poesias que abordam a temática.

Retratados como pessoas pacientes, cuidadosas e assíduas, os antiquários ingleses do séc. XVIII foram estudados por Myers & Harris¹, oferecendo aos leitores dos ensaios por eles editados, uma pequena amostra de uma história relativamente desconhecida, envolvendo antiquários, bibliófilos, bibliotecários, historiadores, bibliotecas acadêmicas, livros e manuscritos medievais (como objetos úteis ou artísticos), num círculo de ensino/aprendizagem que as bibliotecas ajudaram a construir, beneficiando a humanidade.

Analisando a rotina de vida prática e intelectual de personalidades que se destacaram nesta área de atuação, através de observações atentas e sistemáticas aos conteúdos registrados em documentos que retratam-na ou em outras fontes de informação relevantes, pode-se reconstruir história subjacente e fascinante, contribuindo para o desenvolvimento de áreas temáticas até então pouco exploradas ou conhecidas.

A literatura nacional sobre o assunto é bastante escassa, especialmente em termos da produção editorial circulada e divulgada formalmente e de caráter científico. Esta afirmação embasa-se em pesquisas realizadas em expressivas e reconhecidas bases de dados que concentram a produção literária brasileira, cobrindo material bibliográfico diversificado, como livros, artigos científicos, dissertações e teses, trabalhos publicados em anais de eventos técnico-científicos e similares. Entre as fontes consultadas objetivando detectar a literatura já publicada, destacam-se: Catálogo Coletivo da Rede Bibliodata², catálogos *online* que representam acervos específicos de bibliotecas universitárias de médio e grande porte, considerando o padrão nacional³, catálogos *online* de teses e dissertações produzidas por autores brasileiros no País ou no exterior⁴. Além dessas fontes, utilizou-se ainda como recurso para recuperação de informações acerca da cobertura do assunto, ferramentas de busca na Internet (Google, Todobr e outros), restringindo pesquisa pela língua portuguesa ou por abrangência territorial.

¹ MYERS, R.; HARRIS, M. (Ed.). *Antiquaries, book collectors, and circles of learning*. New Castle: Oak Knoll Press, 1996. 165 p.

² Armazenava aproximadamente 1.800 mil registros, originários de quase uma centena de bibliotecas universitárias, de institutos de pesquisa, Fundação Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro), bibliotecas públicas, todas integrantes da Rede Bibliodata, que era coordenada pela Fundação Getúlio Vargas, sediada no Rio de Janeiro à época da pesquisa nesta base de dados.

³ UFMG, UNICAMP, UFRJ, UFPR, UFRGS, USP, entre outras.

⁴ Teses Brasileiras (IBICT/CAPES)

Considerando o exposto, decidiu-se pela elaboração de projeto de investigação vinculando a temática ciência da informação e antiquários. O resultado do primeiro estudo exploratório realizado, ora publicado, objetivou essencialmente ampliar conhecimentos desta pesquisadora, subsidiar processos de construção metodológica da pesquisa global a realizar e, de modo especial, auxiliar a etapa de elaboração dos instrumentos de coleta de dados (roteiros das entrevistas) em conformidade com pressupostos e objetivos da pesquisa.

O problema central da pesquisa em andamento tem como foco norteador estudar o comportamento informacional⁵ de antiquários, de modo a identificar suas fontes de informação⁶ preferenciais e sua rede de contatos sociais formadas “*pela relação dos indivíduos com outros dentro do ambiente e cultura transmitidos pela tradição*”, conforme Sveiby (1998) e estabelecidas em função de busca e de troca de informações subsidiárias ao fazer profissional.

Objetiva-se de modo amplo caracterizar o comportamento informacional dessa categoria de profissionais, desvelar sua rede de informação e, conseqüentemente, contribuir para o preenchimento de lacuna constatada na literatura e estudos de ciência da informação sobre redes de comunicação e de informação desses usuários potenciais de informação. Espera-se, de modo especial, que os resultados desta investigação possam constituir fonte, produto de informação relevante para subsidiar fases tanto de planejamento quanto de avaliação e reformulação de sistemas de informação que atendam ou pretendam atender à população de antiquários comerciantes ou colecionadores. Constituem objetivos específicos da pesquisa em desenvolvimento:

- ⊙ estudar o fluxo de informação estabelecido por esses profissionais para identificação, seleção, aquisição e atribuição de valor/cotação de objetos de arte, antigos e raros, assim como de outros aspectos relacionados ao uso de informação para tomada de decisão;
- ⊙ identificar fontes de informação preferenciais utilizadas por profissionais antiquários ;
- ⊙ mapear e identificar a rede de informação desses profissionais;
- ⊙ subsidiar trabalhos que envolvam planejamento e avaliação de sistemas de informação, dedicados à categoria profissional dos antiquários (comerciantes e colecionadores), bem como de áreas de trabalho afins, especialmente artes e antigüidades;
- ⊙ expandir fronteiras do conhecimento da área de ciência da informação acerca dessa temática, contribuindo com o desenvolvimento de estudos/teorias sobre rede de informação e comportamento informacional de antiquários.

Reafirmamos que este estudo exploratório, constitui, portanto, parte integrante da investigação em andamento junto ao Curso de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, nível doutorado, intitulada provisoriamente *Fontes de informação para antiquários e amantes das artes e cultura: mananciais extraídos dos ‘pavilhões de cultura’ sediados no centro do Rio de Janeiro*. Foi realizado objetivando ampliar conhecimentos sobre o mundo de trabalho da categoria profissional antiquários e de seu

⁵ “Comportamento informacional se refere ao modo como os indivíduos lidam com a informação. Inclui a busca, o uso, a alteração, a troca, o acúmulo até mesmo o ato de ignorar os informes”, conforme DAVENPORT, Thomas H. *Ecologia da informação: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação*. São Paulo: Futura, 2000.

⁶ Entendidas, neste contexto, como o conjunto de recursos informacionais contido em suportes e formatos diversificados, incluindo variedade de fornecedores potenciais e reais de informação, entre eles, pessoas, documentos/publicações, organizações ou empresas, bases de dados, redes eletrônicas, listas de discussão, eventos, etc. e que podem auxiliar pessoas em processos de busca de informação visando complementar ou formar conhecimento acerca de um problema sentido ou vivenciado.

comportamento informacional, devido à escassez de literatura nacional publicada acerca dessa temática. O conteúdo aqui registrado reflete apenas parte do relatório do estudo que foi realizado. Não alude ao total das entrevistas realizadas nas duas fases do estudo experimental e, tampouco, ao referencial teórico total da área de ciência da informação, que foi utilizado e apresentado como parte integrante do projeto definitivo de pesquisa. Esse referencial, mais abrangente e específico ao campo de ciência da informação, será apresentado em capítulo do relatório de pesquisa propriamente dito, no qual serão destacados os trabalhos que fundamentaram a construção teórica da investigação, assim como aqueles que subsidiaram a definição de metodologias e elaboração dos instrumentos de coleta dos dados e informações necessários ao trabalho de campo.

Entretanto, justifica-se a publicação de análises parciais como estas que contribuíram para o conhecimento de especificidades do mundo de trabalho de antiquários, usuários potenciais de informação, objetos de nossa investigação. O produto desses estudos iniciais refletem etapas trilhadas no desenvolver de uma pesquisa acadêmica e, portanto, merecem divulgação e compartilhamento de resultados alcançados. Desvelamento da rede de informação desses profissionais, identificação de certas características gerenciais de personalidades empresariais do ramo e da cultura organizacional onde atuam, assim como revelações acerca do comportamento informacional desses antiquários estudados, dentre outros aspectos e variáveis interessantes, provavelmente foram pontos que puderam ser esclarecidos através deste estudo preliminar, ponto de partida para a inserção mais profunda e necessária ao processo de pesquisa propriamente dito, o qual envolverá análise profunda de fluxos e uso de informação, culminando com o desvelamento do comportamento informacional da amostra estudada e representativa da categoria profissional dos antiquários.

Objetivos específicos do estudo exploratório

Através deste estudo preliminar de natureza qualitativa, envolvendo pesquisas de análise teórica, baseada na literatura revista, atribuindo-se ênfase especial em memórias de antiquários, e em estudo de um caso específico de uma empresa especializada e atuante no comércio de antiguidades, bem como em informações retiradas das bases de dados da Relação Anual de Informações Sociais – RAIS e da Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, do Ministério do Trabalho e Emprego⁷, pretendeu-se:

- ⊙ estudar literatura especializada e interdisciplinar ao campo de trabalho e uso de informação por parte de antiquários;
- ⊙ desenvolver estudo piloto para fundamentar comparações entre discursos registrados na literatura com a realidade atual desses profissionais, observada através de contato pessoal estabelecido entre pesquisador e pesquisado;
- ⊙ desenvolver material subsidiário aos estudos propostos para a tese de doutorado, notadamente em áreas que possibilitem caracterizar o trabalho exercido pelos antiquários, assim como o mapeamento do fluxo e das fontes de informação por eles utilizadas para identificação, seleção, organização, atribuição de valores/cotação e aquisição de objetos de arte, antigos e raros;

⁷ O resultado detalhado das informações obtidas através da análise da Classificação Brasileira de Ocupações, assim como a caracterização e enquadramento dos antiquários nesta, constará do relatório final da pesquisa, considerando limitações de páginas estipuladas para este artigo. Informações adicionais acerca do assunto poderão ser obtidas nos sites: <http://www.mtecbo.gov.br/busca.asp> <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=1414-05> <http://www.mtecbo.gov.br/estudiosospesquisadores/default.asp#>

- ⊙ identificar perfil gerencial de antiquários, a partir da observação do modo como conduzem seu negócio e de outros aspectos comportamentais e de características de personalidade, presentes em sua prática de trabalho.

Suposições norteadoras

Tendo como esteio a literatura até então analisada abordando a questão em estudo ou a ela afim, bem como as observações via contatos com antiquários e em certas informações abstraídas da Classificação Brasileira de Ocupações, apresentam-se, a seguir, algumas das suposições tidas em mente, as quais, entre outras variáveis, nortearam a condução deste trabalho:

- ⊙ a rede de informação dos antiquários é constituída por contatos pessoais, interações com outras empresas do ramo ou afins e participação em eventos (feiras e exposições);
- ⊙ há pouca incidência de utilização e desconhecimento das fontes de informação formais (impressas e eletrônicas) pela categoria de antiquários;
- ⊙ inexistem sistemas padrão de inventariação, catalogação, tratamento e organização física das peças constantes dos acervos das lojas/empresas dos antiquários;
- ⊙ o ambiente organizacional de trabalho dos antiquários favorece atitudes comportamentais relacionadas aos conceitos de empreendedorismo, agregado à inovação, registrados na literatura estudada.

Procedimentos metodológicos adotados

A fase inicial deste trabalho constou da elaboração de uma breve revisão de literatura acerca de trabalhos que tratassem especificamente sobre o tema antiquários (vida e atividade profissional); fluxo e uso de informação (de antiquários e de outros profissionais e empresários atuantes em pequenas e médias empresas); perfil gerencial de empresários e comerciantes atuantes em pequenas e médias empresas (empreendedorismo e inovação no mundo do trabalho). Posteriormente, foram analisados os textos registrados em memórias de antiquários (biografias ou outros documentos escritos por terceiros) publicadas em livros, artigos e em outros suportes diversificados, impressos em papel e eletrônicos. A terceira etapa envolveu a construção de roteiro e aplicação de uma entrevista a um gerente de loja de antigüidades, sediada em Belo Horizonte, MG, cujo estabelecimento foi indicado por uma historiadora e colecionadora de objetos antigos. As questões constantes do roteiro condiziam obviamente com a problemática em estudo, com ênfase especial aos aspectos relacionados à caracterização da empresa, do trabalho do antiquário e do modo de exercê-lo, assim como análise de seu comportamento informacional. Tinham como foco norteador as suposições declaradas neste estudo. Outra atividade desenvolvida tratou-se da análise das informações contidas nas bases de dados RAIS e CBO, do Ministério do Trabalho e Emprego, objetivando caracterizar a ocupação dos antiquários, de modo a obter outras informações sobre seu mundo

de trabalho e atribuições a eles designadas, sob a ótica de documentos provenientes de órgãos que tratam das ocupações e do mundo do trabalho de várias categorias profissionais de maneira formal ou regulamentadora.

Revisão de literatura, apresentação e discussão dos resultados

Sujeito e informação: teorias de usuário

Conceituar informação é tarefa bastante complexa, conforme opiniões registradas na literatura pertinente ao assunto e discussões infundáveis sobre o tema, que se fazem presentes nos eventos da área de ciência da informação e de campos interdisciplinares a esta. A dificuldade ou talvez a impossibilidade de precisar o seu conceito suscitam questionamentos acerca do próprio objeto da área de ciência da informação, de seus princípios e métodos científicos norteadores. Porém, parece de senso comum e universal a consciência da importância e imprescindibilidade da informação no contexto social contemporâneo, independentemente de seus múltiplos sentidos ou significados.

Freqüentemente, como observa TARPANI (1992, p. 23), o termo informação está “*associado a redução de incertezas e à tomada de decisões, o que reforça seu valor e aplicação à diferentes necessidades*”.

A palavra vem do latim *informare* = dar forma, por em forma ou aparência, criar, mas, também, representar, apresentar, criar, uma idéia ou noção, algo que é colocado em forma, em ordem. “*Informação não é, na verdade, um conceito único, singular, mas, sim, uma série de conceitos conectados por relações complexas*” (ARAÚJO; FREIRE, 1999, p. 66-67).

Nas conceituações expressas na literatura percebem-se abordagens que consideram o fenômeno informação fator de transformação social e de interação entre pessoas; outras, consideram-no elemento quantificável, aparentemente neutro e estático. Concordamos com aqueles que afirmam que não se pode conceber ou pensar a informação fora de um contexto social. A informação constitui fenômeno relacional entre partes envolvidas em processo comunicacional, estando seu sentido, portanto, profundamente sujeito aos valores, capacidade de assimilação, conhecimento, sabedoria, enfim aos condicionamentos e condicionantes sócio-culturais que envolvem inegavelmente tanto o emissor quanto o receptor.

Segundo Marteleto (1987, p. 169), a questão informacional na sociedade atual pode ser melhor compreendida através de conceitos registrados na literatura de ciência da informação e das ciências sociais. Apresenta três abordagens, extraídas de textos selecionados para fins de revisão, as quais sintetizamos por considerá-las abrangentes e esclarecedoras:

- ⊙ abordagens inspiradas em teoria comportamentalista e funcionalista. Analisam a informação enquanto elemento regulador dos sistemas. Decorrem de “*análises da informação num plano técnico de comunicação, e seus referentes são a eficácia, a regulação, a homeostase*”;
- ⊙ abordagens críticas ou dialéticas. Consideram a informação elemento provocador de mudanças, de alteração de estruturas;

- ⊙ abordagens que contextualizam a informação como fenômeno pós-moderno, associando-a às

“transformações que vêm ocorrendo nas últimas décadas nos países capitalistas avançados, e que encontram suas raízes no momento da união entre a ciência e a técnica, e por sua vez entre a ciência e o poder político e econômico...causam impactos em todo setor da atividade humana – científico, filosófico, cultural...”

A importância dos estudos de usuários e de uso da informação, incluindo abordagens sobre o comportamento informacional destes, compreendida como a maneira que os indivíduos lidam com a informação, incluindo “a busca, o uso, a alteração, a troca, o acúmulo até mesmo o ato de ignorar os informes” (DAVENPORT, 2000) vê-se mencionada na literatura nacional e internacional. O valor desses estudos e continuidade de pesquisas acham-se mediados geralmente pela defesa dos seguintes argumentos ou justificativas: possibilitam conhecer porquê, como, para quais fins os indivíduos usam a informação e quais os fatores que afetam tal uso; possibilitam conhecimento do fluxo de informação técnico-científica, de sua demanda, da satisfação do usuário, dos resultados ou efeitos da informação sobre o conhecimento, do uso, aperfeiçoamento, relações e distribuição de recursos de sistemas de informação, entre outros pontos direta ou indiretamente relacionados à informação; ajudam na previsão de demanda ou da mudança de demanda de seus produtos ou serviços, expressando necessidades e auxiliando em justificativas para obtenção de fomentos, recursos materiais e financeiros; demonstram preocupação e auxiliam em processos de busca de soluções de problemas que afetam indivíduos usuários da informação (englobam estudos, análises, caracterizações e busca de compreensão destes).

Do mesmo modo, especialmente a literatura internacional, apresenta alto índice de registros enfocando a temática usuários e informação. As abordagens e enfoques prevaletentes, do mesmo modo, tem a ver com variáveis ligadas a comportamento informacional, tais como, processos de busca e uso de informação, fluxo de comunicação e de informação, demandas e necessidades, resultados das expectativas dos usuários em relação aos recursos e sistemas de informação, entre outros.

Estudos contendo críticas sobre trabalhos que tratam do assunto destacam falhas, principalmente no que concerne aos aspectos conceituais, metodológicos e técnicos. Os conteúdos expressos nessas críticas devem ser considerados, na medida em que servem para despertar outros pesquisadores, influenciando ou minimizando resultados negativos ou repetição de falhas percebidas. Enfoques tradicionais são muito questionados porque têm como referentes o sistema. Na maioria das vezes privilegiam, em suas considerações sobre a problemática da informação, os objetos: serviços e produtos, enfim o próprio sistema e a sua manutenção, negligenciado o sujeito (categoria filosófica, em oposição ao objeto), envolvido nos processos comunicacionais e informacionais. Visualizam fenômenos informacionais sob o ponto de vista mecanicista, portanto, vulneráveis às limitações inerentes ao tratamento automático imposto aos estudos em questão.

As abordagens registradas nos estudos de usuários, foram classificadas, em síntese, segundo a literatura mais recente, como abordagens tradicionais e abordagens alternativas (inovadoras). As primeiras, deixam claro a preocupação

predominante centrada nos serviços, sistemas e/ou produtos, tais sejam: estudos/pesquisas voltadas para uso dos serviços de informação prestados; estudos centrados na biblioteca, configurando-se em investigações sobre como as bibliotecas e os centros de informação são utilizados.

Atualmente, parecem predominarem na literatura de ciência da informação, notadamente nos estudos que enfocam a busca de solução dos problemas que afetam o usuário e seu comportamento em relação à informação, as abordagens centradas no sujeito. Este, considerado sujeito (categoria filosófica, básica, por oposição ao objeto), indivíduo (categoria social, tem direitos e deveres, cidadão), ator (categoria antropológica, representa um papel social) e agente (categoria sociológica, aquele que exerce uma ação na sociedade). Exemplo disso pode ser abstraído no elenco de estudos/pesquisas enfocando e orientadas para grupos específicos de usuários; estudos centrados no usuário: como um grupo particular de usuários obtém informação necessária para conduzir o seu trabalho.

Destaca-se, do mesmo modo, na literatura atual da área, a metodologia centrada na abordagem *sense-making*⁸, que consiste na verificação de algumas questões básicas como:

- a) quem são os atuais usuários dos sistemas de informações;
- b) como, onde, porque e para que estão utilizando esses sistemas;
- c) quais as características e necessidades dos usuários;
- d) como planejar sistemas de informações atuantes que sejam mediadores reais na satisfação das necessidades de informação dos usuários. A análise interpretativa dos resultados obtidos propiciará subsídios para identificar as necessidades informacionais dos usuários e projetar novos serviços visando a integração sempre crescente entre sistemas de informações/usuários para o compartilhamento da informação e conhecimento em rede.

Comportamento informacional e uso de informação em pequenas e médias empresas

Ferrari; Martinelli & Joyal (2002), abordando a questão de uso da informação e capacidade de inovação das pequenas e médias empresas (PMEs) brasileiras constataram, entre o universo pesquisado, que as fontes de informação às quais estas atribuíram maior importância foram: clientes, fornecedores, consultores e feiras comerciais. Outras fontes mencionadas foram: a mídia, os prestadores de serviços, as associações setoriais, os órgãos socioeconômicos e centros de pesquisa, redes de empresas, órgãos governamentais e contatos informais.

Tratando particularmente da problemática de necessidade e acesso à informação pela classe de profissionais brasileiros, Barbosa (1997) salienta a importância da informação como insumo imprescindível ao processo decisório nas organizações. Evidencia que no Brasil existem poucos trabalhos que enfocam questões relativas às expectativas e comportamento informacional de nossos profissionais. Apresenta visão panorâmica acerca do assunto, incluindo análise do comportamento informacional desses profissionais, intensidade de uso de diversas fontes de informação interna e externa à organização, grau de satisfação em relação às fontes utilizadas, meios usados

⁸ CARVALHO, Telma de; BOCCATO, Vera Regina Casari; RAMOS, Lúcia Maria Sebastiana V. Costa. Estudo do usuário da sub-rede nacional de informação na área de ciências da saúde oral, sob o enfoque do Sense-Making. Disponível em: <http://www.bireme.br/crisc4w/post106.htm>. Acesso em: 31 jul. 2003.

para obter informações, entre outras variáveis estudadas. Barbosa (1997, p. 9), destaca estudo realizado no ambiente brasileiro, publicado em 1996 por Freitas, no qual este autor mostra comportamentos de gerentes e técnicos relativos ao processo de acesso à informação:

[...]” os gerentes não apenas buscam informação com maior intensidade, mas também utilizam fontes informais com maior frequência. Já os técnicos demonstram ter relação estreita com fontes formais e tradicionais, tais como livros e periódicos. Em termos de seu conteúdo, informações sobre aspectos estratégicos da empresa são mais utilizadas por gerentes”.

Quanto às semelhanças entre os dois grupos verificou-se que ambos utilizam em alta escala suas próprias fontes de informação e, em sua maioria, não utilizam bases de dados externas.

Com referência ao uso e avaliação de fontes de informação, Barbosa destaca as quatro categorias de fontes criadas por Choo (1994): externas: pessoais e impessoais, internas: pessoais e impessoais, como segue: Fontes de informação organizacional pessoais externas: clientes, concorrentes, contatos comerciais/profissionais, funcionários de órgãos governamentais; Fontes de informação organizacional pessoais internas: superiores hierárquicos, membros da diretoria, gerente subordinados, equipe de funcionários; Fontes de informação organizacional impessoais externas: jornais, periódicos, publicações governamentais, rádio, televisão, associações comerciais e industriais, conferências, viagens; Fontes de informação organizacional impessoais internas: memorandos e circulares internos, relatórios e estudos internos, biblioteca da organização, serviços de informação eletrônica.

A análise feita por Barbosa indica que as informações dos ambientes externos, mais usadas pelos profissionais participantes do *survey*, são geralmente obtidas através de veículos de comunicação de massa e referentes à política econômica governamental, economia nacional e mercado financeiro. Quanto às informações internas de uso mais intenso, destacaram-se as normas e regulamentos internos e sobre planejamento estratégico. As informações internas são veiculadas principalmente através de documentos escritos. As reuniões programadas e contatos informais também mereceram destaque entre formas internas de transmissão de informação.

Neves e Carvalho (2000) estudaram necessidades e usos de informação em empresas incubadas de biotecnologia de Minas Gerais, a partir da opinião de empreendedores e gerentes dessas empresas. Ao sondar sobre fontes de informação utilizadas pelos empreendedores entrevistados, detectaram, entre fontes correspondentes ou pessoais “...aquelas provenientes de contatos estabelecidos entre os empreendedores e as pessoas com as quais eles interagem das mais diversas formas”, contatos feitos com gerentes da própria incubadora; pesquisadores das universidades; contatos comerciais; colegas empreendedores; concorrentes (nacionais e internacionais); clientes; consultores; vendedores; fornecedores brasileiros e estrangeiros; pai de um dos sócios ...; contadores.

Entre fontes institucionais utilizadas (“...aquelas que divulgam informações organizadas por instituições, tais como: federações de indústrias e sindicatos patronais, associações comerciais; o governo, as concorrências públicas; universidades; centros de pesquisa, dentre outras”), constataram a presença de vários órgãos de fomento à pesquisa e de apoio ao trabalho na

indústria, agências de financiamento, cartórios, associações, universidades, bibliotecas e centros de documentação. Das fontes documentais citadas (fontes impressas e eletrônicas), destacaram a internet; bases de dados; catálogo telefônico; embalagem de produtos; anais de congressos; *folders* de concorrentes; periódicos; manuais de produtos; livros e revistas; Diário Oficial da União; catálogos industriais e catálogos de fornecedores.

Kremer (1982, p. 66) buscando identificar e avaliar fontes de informação usadas por engenheiros, atuantes numa companhia de projetos, adverte:

[...]” é sempre perigoso inferir que características comuns a um certo grupo de usuários sejam iguais às de um outro grupo. Cada organização ou grupo de usuários tem suas características próprias, que devem ser estudadas separadamente, se quisermos obter dados confiáveis a seu respeito. Somente, então será possível entender e procurar soluções para melhorar o fluxo de informação dentro desses grupos”.

Do exposto, verifica-se a importância e necessidade de realização de estudos da realidade das diversas categorias de profissionais, sob a perspectiva de usuários potenciais de informação.

Sobre antiquários e seu trabalho

Como afirmado anteriormente, ao tratar da justificativa para escolha do tema da tese, a literatura nacional sobre o assunto *Antiquários* é bastante escassa.

Do material bibliográfico que foi identificado, que poderia embasar este trabalho teoricamente destacamos, na seção “Percepções subjacentes aos discursos registrados em memórias”, os poucos que tivemos condições de acessar, bem como informações retiradas de extratos de depoimentos registrados em formato impresso ou eletrônico, publicados em livros, artigos e no *site* da Associação Brasileira dos Antiquários, em boletim informativo eletrônico especializado no assunto (A Relíquia). A seção “Informações adquiridas mediante entrevista realizada” baseia-se em trechos da entrevista feita com uma gerente de loja de Antigüidades, de Belo Horizonte, e em conteúdo expresso nas bases de dados RAIS e CBO.

Conforme definição registrada pelo popular Aurélio⁹, antiquário é um “*estudioso, colecionador ou comerciante de antigüidades ou antigualhas*”. Estas, por sua vez, são definidas como “*antigüidades – antigualhas raras ou de especial valor material, artístico, etc.; qualidade de antigo: objeto valioso pela Antigüidade*”. Definições de dicionários atendem seus objetivos específicos, no sentido de apresentarem visão clara e objetiva dos termos a definir. Porém, o conhecimento da realidade estudada será provavelmente melhor construído, analisando-se linhas e entrelinhas da literatura especializada naquele assunto em questão, e de outras fontes onde se encontram registradas interpretações decorrentes das mais diversas abordagens e que expressam opiniões múltiplas de autores pessoais e institucionais.

Entre diversas fontes que poderiam ser selecionadas para apresentar visão geral da literatura sobre antiquários e seu trabalho, consideramos que não há manancial mais interessante e fidedigno do que exposição das memórias e dos conteúdos de outros documentos que retratam a vida e atividades destes profissionais. Daí a razão principal da utilização desses registros, como fontes valiosas para abstração e percepção da realidade ora estudada, apresentados na próxima seção.

⁹ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, [198?], p. 106

Percepções subjacentes aos discursos registrados em memórias

Através do elenco de extratos de depoimentos que aqui serão expostos pode-se inferir sobre perfil gerencial e características comportamentais dos antiquários neles retratados. Ainda nos referidos depoimentos pode-se perceber e mapear rede de comunicação, canais e fontes de informação usados para subsidiar o trabalho, entre outros elementos de informação enriquecedora do conhecimento sobre o assunto.

Os extratos de textos dos documentos destacados, possibilitam infinitas interpretações e apontam características das personalidades dos antiquários, estudiosos, colecionadores e comerciantes integrantes destes registros. Apontam ainda fluxo, fontes e canais de informação preferenciais utilizados para subsidiar a realização do seu trabalho. Outras descobertas interessantes sobre vida e mundo de trabalho desses profissionais poderão ser feitas a partir da observação atenta nessas fontes de outras variáveis propostas para estudo e entendimento, expressas nas suposições declaradas no início deste trabalho.

No conjunto de conteúdos analisados percebe-se que existe grande influência da família, especialmente dos pais, no tocante à escolha da profissão de antiquário. Percebe-se ainda que o processo de aquisição de conhecimentos especializados se concretiza basicamente através de interações interpessoais e, de modo especial, no próprio contexto familiar e do trabalho:

[...]ingressei na “Universidade do Antiquário” aos 14 anos. A precocidade deveu-se a meu pai...um colecionador médio a levar-me aos grandes leilões da época, nas mansões da burguesia. Fiz mestrado em visitas freqüentes a um do mais antigos antiquários do Brasil moderno...quase que diariamente, deslocava-me para ouvir de o “Zé dos Bichos”, os ensinamentos para um mercado ainda latente.

[...]meu pai precisava trabalhar...quando voltou, fui com minha mãe buscá-lo na estação do trem...ele me trazia de presente uma caixa com seis lapiseiras coloridas tchecas compradas numa casa de comissão e uma linda boneca(hoje sei que era uma KR 717) com tranças de cabelos humanos, olhos castanhos que abriam e fechavam e quatro dentinhos. Na ocasião meu pai me disse: isso é muito antigo, muito frágil, quebra...” “...foi ali que aprendi a sentar numa poltrona e ficar quietinha (sem mexer em nada, pois tudo era caro e frágil) esperando minha mãe. Em troca, ganhava brinquedos antigos...conquistei num antiquário de Krakóvia, um velho e belo peso de papel...Além das bonecas, costumava brincar com cartões postais de Rita Rayword e velhas fotografias que minha mãe guardara...amigos também mandavam para meus pais cartas e cartões postais e aos três anos eu já colecionava os selos que eles me davam para brincar. Percebendo meu interesse papai me deu um Atlas em sépia, para que eu pudesse saber, ainda aos quatro anos de idade, de que partes do mundo vinham os selos que eu estava juntando”.

Entre traços característicos de personalidade predominantes entre antiquários analisados, alguns poderiam enquadrá-los como empreendedores, compreendidos como profissionais que possuem um diferencial em relação aos demais no modo de tratar seu negócio ou atividade profissional. Dias (1991, p. 19) conclui que “o conceito de empreendedor se aplica a indivíduos que com determinação e empenho se dedicam à utilização de ferramentas como a criatividade e a inovação para estabelecer um negócio ou gerir uma organização”. Comparando suas atitudes e procedimentos no cotidiano de

trabalho com outros registros da literatura que tratam de empreendedorismo, percebemos isto claramente (KUGLIANSKAS, 1996; FERRAZ, 2002). Dedicção, paixão, ousadia, iniciativa, ambição, curiosidade, visão e busca de conhecimento sobre o campo de trabalho são qualidades que transparecem tanto nos textos das memórias quanto dos depoimentos analisados que falam sobre os antiquários.

[...] colecionador de antigüidades precisa ser obcecado...precisa ter faro (e muito!), conhecer o métier (pelo menos o básico)...garimpar objetos que levam a marca de antigüidade...é atividade muitas vezes arriscada...é paixão...

[...]Não havia nessa época estrada litorânea para Porto Seguro...arrumou um homem de confiança para levar por mar numa boa barça...e seguiu por mar... a barra de Porto Seguro é infestada de tubarões e ai daquele que cair n'água, não volta mais à tona...o transporte era só por mar e em pequenas embarcações.

[...]Viajando pelo interior do Brasil na busca de raridades e visitando museus em Nova York, Paris e Londres, observava os importantes leilões nessas capitais. Viajava minha imaginação pelos dias em que chegaria aos sonhos do que viria a ser...tornei-me Leiloeiro Público...inaugurei uma nova sala no Corredor Cultural da Rua do Lavradio, onde passei a realizar leilões mensais, aos sábados, para atender ao interesse cada vez maior dos Clientes, sejam vendedores ou compradores...com uma equipe altamente especializada e na sede que hoje ocupo, organizei mais de 130 leilões.

[...] Dona... foi uma das primeiras a investir em móveis antigos em Brasília. Com ela está Os dois estão entre os fundadores da Associação de Antiquários da capital, que reúne mais de 60 colecionadores, estudiosos e comerciantes.

A rede de informação dos antiquários parece realmente constituída pelos contatos interpessoais e informais estabelecidos com seus pares, fornecedores e clientes, no seu dia-a-dia de trabalho. Interações estabelecidas durante feiras, leilões e exposições também aparecem com alta freqüência nos relatos lidos:

[..].as feiras são os melhores locais para compra, é onde tem mais mercadoria e reúne comerciantes que têm lojas e autônomos... Três vezes por ano, esses colecionadores e comerciantes se reúnem também para leilões. São ocasiões ideais para adquirir peças cujo valor é inquestionável. Mesmo assim, vale se informar. Livros e catálogos podem ajudar, mas é preciso ser orientado.

[...]Viajando pelo interior do Brasil na busca de raridades e visitando museus em Nova York, Paris e Londres, observava os importantes leilões nessas capitais. Viajava minha imaginação pelos dias em que chegaria aos sonhos do que viria a ser...tornei-me Leiloeiro Público...inaugurei uma nova sala no Corredor Cultural da Rua do Lavradio, onde passei a realizar leilões mensais, aos sábados, para atender ao interesse cada vez maior dos Clientes, sejam vendedores ou compradores...com uma equipe altamente especializada e na sede que hoje ocupo, organizei mais de 130 leilões...

Numa manhã aparece-me um homem que mora num sítio dez quilômetros ao norte, na direção de Santa Cruz de Cabralia; perguntou se eu comprava ferro velho e respondi-lhe negativamente. Mas o homem descreveu-me uma grande cruz semi-enterrada a cerca de duzentos

metros da praia, dentro de uma mata, e que tinha fora uma bola toda trançada de ferros. Compreendi logo que se tratava de uma cruz com globo armilar. Acompanhei o homem e viajamos mais de uma hora até seu sítio. Lá pegou enxadões e dois camaradas com o fim de desenterrar a cruz. Chegando ao local, certifiquei-me do que havia previsto. Tratava-se de uma grande cruz com o pé e um lado enterrados. Como o terreno era arenoso, a parte mais volumosa, o globo armilar, ficou de fora. Depois de mais de uma hora, a cruz estava fora da terra e aí é que eu vi que a mesma era oscilante. Passou pela minha cabeça o seguinte: os navegantes portugueses deviam trazer a bordo algumas dessas cruzes. Ao descobrir a terra, eles atracavam e, num alto, enterravam a cruz oscilante com as armas de Portugal. Teria sido Gonçalo Coelho, em 1503? Aqui fica uma pergunta para ser respondida pelos estudiosos. Levei a cruz para Porto Seguro e depusitei-a na barcaça”.

Interessante notar, no contexto dos depoimentos destacados nas memórias, a alta incidência de negociações feitas com personalidades proeminentes das sociedades visitadas à cata de aquisição de peças antigas, valiosas e raridades. Os padres e outros elementos da comunidade religiosa são freqüentemente citados como pessoas fundamentais nos processos de comercialização. Personalidades públicas também demonstram exercer papel fundamental na rede de relações dos antiquários analisados:

[...]Jo vigário local vendeu-me alguma prataria fora de uso e uma banquetta de estanho.

[..]instalei-me no hotel e, já no dia seguinte, procurei o padre, que era um homem de cor e muito amável. Apresentou-me ao tesoureiro-geral das igrejas e comprei coisas raríssimas: imagens de barro do Séc. XVII do antigo convento em ruínas, bancos fora de série, cômodas e armários. [...]cidade antiga e pobre, possui uma igreja muito rica com alfaias de alto valor, mas tudo tombado. Comprei de particulares imagens valiosas: séculos XVII e XVIII.

[...]conheci um homem muito bom e muito acolhedor...prefeito da cidade várias vezes...me apresentou ao cura e fiz belas aquisições...negocieei bastante com o digno prefeito, comprando-lhe uma bela mesa “Manuelina” e diversos pratos da “Companhia das Índias. Transacionando com o padre e o prefeito, todas as portas estão abertas em qualquer cidade brasileira. Comecei a ser chamado pelos coronéis e as moedas de “pau-nas-costas” foram aparecendo. Mesas- cavalete em quantidade, salvas e bacias de prata também encontrei

[...]entre os importantes acervos vendidos estão os do ex-Presidente da Academia Brasileira de Letras..., do ex-Ministro das Relações Exteriores,..e do ex-Presidente da República.

[...]vendi muitas peças ao antiquário...inclusive as imagens preciosas de barro. A mesa “D. João V” quem comprou foi o saudoso negociante...D...ficou comprou um lote de miudezas, enquanto a Sra..., famosa antiquária do Rio, ficou com as poltronas e umas cadeiras...freqüentava muito minha casa o Dr..., que iniciou seu gosto pela arte colecionando balancinhas e pequenos pesos ingleses (um dentro do outro) e veio a tornar-se um dos grandes antiquários de São Paulo, com freguesia selecionada.

Informações adquiridas mediante entrevista realizada

O instrumento para coleta de dados sobre a empresa e o trabalho nela desenvolvido pelos antiquários que ali trabalham, constituiu-se de uma entrevista, cujo roteiro incluiu obviamente questões que poderiam fornecer respostas às suposições declaradas neste trabalho, bem como desvendamento de outras, que propiciariam entendimento mais amplo da problemática abordada.

Caracterização da empresa e dos antiquários nela atuantes

Também no contexto da entrevista realizada fica clara a existência de atitudes empreendedoras por parte da proprietária da loja de antigüidades investigada nesta primeira etapa do estudo exploratório.

“ [...] então ela falou para o marido dela: eu vou montar um Antiquário...e resolveu montar e montou. Montou um aqui, montou um em Ribeirão em sociedade com a irmã dela, depois desfez a sociedade e ficou só com esse aqui e ela (a irmã) ficou com o de lá...”

Considerando respostas fornecidas pela gerente entrevistada, responsável pela loja de antigüidades e nela trabalhando há dezenove anos, a empresa se enquadra dentre os pequenos estabelecimentos comerciais. Suas atividades se limitam ao comércio de antigüidades, objetos de decoração e presentes (antigos e contemporâneos). Existe e atua no ramo há aproximadamente 28 anos.

O quadro de pessoal é composto pela proprietária da loja, por suas duas auxiliares gerentes (filha e sobrinha), um *office-boy*, um motorista e uma secretária, que por ocasião da entrevista, encontrava-se licenciada.

Segundo informações fornecidas pela antiquária entrevistada, o público-alvo da empresa é atualmente constituído por pessoas da “...classe A” e o “novo riche” (*sic*). Manifestando achar difícil *falar qual que seria*, destacou queda de público comprador. Mencionou como fatores inibidores de manutenção ou ampliação de público consumidor de antigüidades, a falta de cultura no país e a influência dos decoradores, que podem ditar a moda, e que hoje indicam ambientes, peças de mobiliário e decorativas, na tendência *clean*. Público externo, integrado por clientes do Rio e de São Paulo, foram indicados como compradores importantes e para os quais se vende mais: “...o público que eu vendo mais...eu vendo fora, no Rio, São Paulo...aí eu tiro essa diferença, porque lá ainda tem o comprador...”

Com relação à qualificação para o trabalho, das três ocupantes das funções de diretora e de gerentes, certificou-se que não possuem qualquer qualificação acadêmica. O processo de aquisição de conhecimentos acontece da mesma forma como foi percebido por meio de análise das memórias escritas. Há transmissão de conhecimentos de modo informal entre os membros da família, que são proprietários e gerentes e demais trabalhadores na loja no próprio contexto do trabalho. Esses últimos elementos, raramente foram citados pela entrevistada, o que sugere prevalecer troca de informações e intercâmbio de conhecimento *tácito* entre os três integrantes da família.

Outro ponto coincidente entre situação constatada através de memórias¹⁰ e neste ambiente comercial, refere-se à opção pela escolha da profissão. As duas gerentes que aqui trabalham também foram influenciadas

¹⁰ Vide item “Percepções subjacentes aos discursos registrados em memórias”.

pela mãe e tia, diretora proprietária da loja. Optaram, portanto, pela atividade profissional devido ao gosto da proprietária do estabelecimento por antigüidades.

[...] quando eu comecei a trabalhar com ela, eu não mexia com isso, não entendia nada disso, nunca pensei em mexer com isso. Trabalhava num ramo totalmente diferente. Ela ficou viúva e me chamou pra trabalhar com ela, fazendo compras e vendendo...ela sempre gostou de antigüidades." "...eu viajo com ela pra fazer compra, às vezes a R.....viaja." "... é muito pouca gente que trabalha aqui...é muito família...

Dentre as formas de eventos dos quais a empresa tem participado, destacaram-se as feiras, leilões e exposições, sendo mais citados os que ocorrem nas cidades de Goiânia, Brasília, Uberlândia, São Paulo e Rio de Janeiro. Certamente esses eventos também podem ser considerados recursos úteis para aquisição e transmissão de informações e conhecimentos. Mereceu menção especial entre feiras freqüentadas, a *Hebraica*, realizada anualmente em São Paulo e considerada, pela antiquária entrevistada, a maior feira de antigüidades realizada no Brasil.

Foram constatados alguns tipos de parceria estabelecidas entre a loja e outras empresas do ramo. Destacam-se nesse caso, incidência maior de empréstimos de peças para exposições na cidade, no âmbito estadual e em outros estados. Entre outras formas de cooperação estabelecida com outros antiquários ou outras pessoas, a entrevistada ressaltou que *"com os antiquários é uma parceria constante"*.

[...]A gente trabalha com peças consignadas também...além de comprar e vender, a gente trabalha com peças consignadas, que não deixa de ser uma parceria...é uma parceria. E também com os outros antiquários é uma parceria constante. Por exemplo, se um cliente vai ali e pergunta pra um antiquário "...você tem isso?" "...não, mas pode deixar que eu vou tentar arrumar pra você, me telefona." "A. .você tem isso assim, assim, assim? Você tem um par de (...) que estamos precisando?" "Tenho, M..." "Então tá, estou indo aí buscar, vou mostrar pra um cliente, pode?" "Pode." Aí ele leva, mostra, depois se não vender ele devolve...Isso é uma parceria. Então a mesma coisa sou eu. Se eu preciso de alguma coisa, um cliente me liga de São Paulo, do Rio, "Ô A... estou precisando de um (...) de prata, você tem?" "Ah deixa eu só ver se (...) e tal". Ligo pra um fornecedor ou um antiquário (...) Então assim, a gente trabalha muito dessa forma.

As principais fontes de informação, subsidiárias ao trabalho profissional de identificação, seleção e verificação de autenticidade das peças a adquirir, foram discriminadas pela entrevistada, posicionando em primeiro lugar *"a prática...é uma coisa que é muito diferente do "feeling da pessoa"*. Ressaltando a dificuldade inerente à essa tarefa, citou', em segundo lugar, consultas feitas aos livros especializados:

[...] Isso não é fácil, né? Porque existe muita cópia, então eu acho que a principal coisa é a prática. A tia Q...tem uma prática nisso que ela pega essa peça, ela olha assim e fala: "Esse pé foi colocado e esse é original". Então é uma coisa que é muito do feeling da pessoa. Mas tem livros que a gente pode olhar, livros que são setorizados. Tem as assinaturas, principalmente quando a peça é assinada a gente verifica essas assinaturas. Até tem um livro

grosso aí que chama (...) que você verifica a assinatura de quadros, pela assinatura você vê a época daquele pintor, que tipo de pintura que é, pelo menos já te dá um enfoque da coisa, pelo menos se a pintura está dentro do que ele pintou. E outra coisa é o contraste de prata. Tem um livro de contrastes de prata...por país...a prata inglesa, a prata francesa, a prata portuguesa. Aquele contraste é a marquinha da prata. Então pela marquinha você acha a época, quem fez a prata.

Em outro momento da entrevista afirma:

[...]Os livros, a gente consulta os livros e a experiência da gente mesmo. Uma vez por outra também não impede da gente pegar o telefone e ligar e falar "Oh, me apareceu aqui uma imagem, eu estou numa duvidazinha, vamos olhar juntos". Então tem muito essa parceria de olhar junto, descobrir uma coisa ou outra...também existe isso muito.

Observou-se que os fornecedores, de modo geral, não são considerados fontes de informação importantes, na sua visão. Ressalva feita, neste caso, para os fornecedores estudiosos do campo de artes e antiguidades:

Não...A não ser que você compre uma peça de uma pessoa estudiosa do ramo, o que pode até acontecer, né? Uma pessoa que foi colecionando e um estudioso...um colecionador estudioso, que não compra só porque achou bonito, mas porque segue uma linha de qualidade com um estudo em cima. Então essa pessoa, se não morreu e se está vendendo em vida, ela passa as informações. Se ela já morreu, às vezes deixa escrito. Fora isso não. O particular em geral, ele não tem noção do que tem, com raríssima exceção. Tem gente que não sabe distinguir se é bronze ou se é prata, chama isso de prata...então você tem que estar corrigindo, falando: "isso é metal, isso não é prata. Prata é um metal valorizado, isso não é prata de lei..." Então, é muito pelo contrário, a gente é que vai informando a pessoa, entendeu?

Detectou-se, conforme depoimento da entrevistada, que os principais fornecedores da loja de antiguidades são os *particulares*, herdeiros de famílias em processos de *inventários*, realizados pós morte dos originais proprietários das peças à venda.

Na realidade, os principais fornecedores são os particulares que procuram a gente por um motivo ou outro. Quando morre uma pessoa, faz um inventário, aí em vez de dar briga na família, eles preferem juntar o dinheiro e dividir. Dinheiro é muito mais fácil dividir. Isso faz-se muito em São Paulo e no Rio. A família muda e vende ou a família vende tudo. Então o que acontece? Aqueles casarões, tem vários que coloca-se tudo a venda, faz-se uma avaliação com um avaliador e eles chamam primeiro os comerciantes. A gente vai, olha e compra de acordo com o interesse, porque às vezes eu mexo com um ramo de coisa e outra pessoa mexe com outra coisa. É mais o particular mesmo.

Como mudança ocorrida, que caracterizaria atitude inovadora nos processos de trabalho da empresa, a gerente relatou diversificação dos produtos comercializados e ampliação da loja, que aconteceu impulsionada pelas dificuldades decorrentes do mercado do ramo de antiguidades.

[...]antiguidade começou a ficar uma coisa difícil de adquirir pela raridade da coisa...também pelo fato de quem tem não querer vender...também o que influenciou muito foi o decorador...hoje, ele é muito mais pra uma peça moderna, atual... aquele tal do ambiente "clean"...com isso, a gente teve que mudar...montar a loja de presentes e decoração de coisa nova que é a loja lá embaixo.

Interessante mencionar nessa oportunidade, que os decoradores foram destacados em outras partes do depoimento, como profissionais que interferem profundamente no mercado de trabalho da área de antiguidades. Dependendo das tendências de maior ou menor indicação destes, relativas aos objetos de adorno e composição de peças decorativas ou do mobiliário, o mercado de antiguidades pode sofrer oscilações decorrentes do *modismo* vigente e da recomendação desses especialistas.

Quanto às estratégias e meios de comunicação utilizados na empresa para atingir o público potencial comprador, mereceram destaque especial propaganda e publicidade feita em jornais, televisão, e em *uma revista ou outra*. Citou o encarte da revista *Encontros* como uma das que foram utilizadas pela empresa. Queixou-se do alto custo da publicidade, fator que limita, restringe possibilidades de maior divulgação da loja. Ressaltou a questão de reconhecimento da proprietária no mercado de antiguidades, o que, segundo ela, facilita contatos e procura por parte de clientes. Portanto, maior divulgação é feita sobre material contido na *loja de presentes*, menos conhecida do público, e situada no andar inferior da *loja de antiguidades*.

No tocante ao processo de atribuição de valor monetário às peças antigas e raras observou-se que, no contexto estudado, há predominância da experiência do avaliador, influenciado ainda pelo comportamento dos compradores *"Aí é tudo com a tia Q... Avaliação é ela que faz."* Não foi mencionada, em qualquer momento, eventuais consultas que poderiam ser feitas a documentos formais (impressos ou eletrônicos), recursos de informação certamente úteis, já que fornecem cotações atualizadas de produtos do ramo de *artes e antiguidades*, disponíveis no Brasil e exterior.

Quando perguntada sobre em que fontes ela se baseava para executar avaliações, ela respondeu:

É na experiência mesmo. Por exemplo, eu vendo uma peça hoje por 100 reais. Aí amanhã no telefone eu falo "Vem aqui pra ver uma coisa, eu vi aquele púcaro que apareceu por 80 e eu vendi por 100", então esse eu posso avaliar por 80 de novo pra eu comprar e eu vendo por 100, se ele for mais bonito, por 120, ou se não, eu faço a avaliação "Oh, esse púcaro seu vale 150, mas pra eu comprar, eu compor por 100". Então é muito assim. É porque loja você tem imposto pra pagar, você tem funcionário, você tem aluguel, isso tudo. Então você tem que ter lucro também, por isso a gente pega muita coisa consignada, porque consignação a gente tem uma comissão. Aí a pessoa que tem a peça recebe mais porque a gente tem uma comissão em cima do valor da peça, que é acertado de comum acordo. A gente faz uma avaliação por causa da experiência e é muita camaradagem: "Isso aqui vale 50 reais, mas vamos por 80, eu acho que vale 80, você não acha? Vamos colocar 80, se tiver dificuldade de vender, a gente abaixa." Ou às vezes também, depois eu posso descobrir uma assinatura, eu ligo pra pessoa: "Tem uma assinatura, eu vou pedir mais porque vale mais, eu descobri depois". Também existe o engano, logicamente.

O *layout*, a disposição e organização física dos materiais da loja de antiguidades não obedece a qualquer planejamento estratégico classificatório, no sentido de facilitar a localização dos objetos por parte de pessoas não integrantes do quadro de pessoal. Esse trabalho fica a critério do proprietário e dos gerentes, que montam e desmontam a loja periodicamente, segundo sua própria sensibilidade e eventos ou peças/objetos que queiram destacar, atendendo apelo comercial. A localização de peças específicas, no contexto do acervo armazenado, é feita conforme relato da entrevistada:

É difícil de seguir uma linha... a gente vai batendo o olho... antigüidade não é uma coisa que vende toda hora. Às vezes chega, eu ponho aqui, vende na hora. Às vezes fica ali na parede vários tempos, aí a pessoa chega...e a gente já conhece o comprador, a gente sabe o que interessa. Por exemplo, eu tenho uma cliente de São Paulo que só compra aquilo ali, bandeja de prata. Aí já leva tudo. O dia que eu vou pra São Paulo eu passo a mão nelas, não volta uma. Então eu já sei quem compra o quê.

Quanto aos meios de comunicação utilizados no contexto interno do trabalho, constatou-se uso predominante de interfones, telefones e conversas interpessoais. Novas tecnologias de comunicação e informação, destacando-se os computadores ligados à internet, foram recentemente implantadas: "...nós estamos usando isso agora, embora muita gente já esteja usando há mais tempo", declarou a entrevistada.

Manifestando sua opinião acerca da questão da presença feminina na profissão de antiquário e no setor de artes e antiguidades de modo geral, ela considera que existe igualdade de ocupação no mercado.

Finalizando, relatou sobre o processo de conservação preventiva dos materiais constantes do acervo da loja de antiguidades e manifestou preocupação com a problemática atual de falsificação, furtos e roubos de peças de arte sacra, o que, segundo ela, tem contribuído para o desaquecimento do mercado e o desaparecimento dessas peças para compra ou venda.

Considerações finais

Considerando as suposições iniciais declaradas neste trabalho ressaltamos, a título de conclusão, que as indagações relacionadas à constituição da rede de informação dos antiquários que, conforme as fontes analisadas, demonstraram alta incidência dos contatos pessoais e profissionais no próprio contexto do trabalho e entre empresas do ramo, assim como através da participação em eventos como feiras, exposições e leilões, enquadram-se dentre suposições plenamente confirmadas. Tanto nos registros de memórias quanto no depoimento colhido por meio de entrevista, confirmaram-se que essas fontes informais realmente são fontes e canais de veiculação de informações preferenciais entre a categoria de antiquários envolvidos nessa fase de estudo. Quanto à questão de organização física das peças ou objetos constantes do acervo, verificou-se, também nesta primeira etapa de estudo, que essa atividade não obedece a qualquer ordem padronizada ou sistematizada. Os objetos são dispostos atendendo às conveniências do momento e das circunstâncias no tocante a apelos e demandas comerciais ou de limitações do espaço físico disponível. Obviamente que a pesquisa há de ampliar elenco de fontes

consultadas, assim como o tamanho da amostra em estudo, tendo em vista fornecer explicações mais detalhadas para certas questões que ainda continuaram um pouco obscuras. Inclui, neste caso, a questão específica de identificação do perfil gerencial dos antiquários. Para confirmar ou refutar essa suposição seria necessário pesquisar profundamente as características comportamentais de profissionais antiquários que tivessem exercendo suas funções restritamente em áreas de gerência e administração, tanto proprietários quanto responsáveis pelo comércio ou estabelecimento comercial do ramo.

A próxima etapa do trabalho de pesquisa mencionado, incluirá entrevistas com antiquários sediados na região do centro antigo da cidade do Rio de Janeiro, para complementação e posterior comparação com os resultados parciais já obtidos.

Antiquarians: a look on their work and informational behavior

The paper presents the results of an exploratory study on the work environment and information behavior of antiquarians. The information sources used include the literature on information use and user studies, biographies of antiquarians, data collected from an interview, and the data base of the Brazilian Occupational Classification. Some of the research assumptions, concerning the information behavior of antiquarians, were fully or partially confirmed.

Key-words: *Antiquarian and work; Antiquarian flow and information use; Antiquarian and informational behavior*

Referências

- ARAÚJO, V. M. R. H. de; FREIRE, Isa M. Conhecimento para o desenvolvimento: reflexões para o profissional da informação. *Informação & Sociedade*, João Pessoa, v. 9, n.1, p.61-75, 1999.
- BARBOSA, R. R. Acesso e necessidades de informação de profissionais brasileiros: um estudo exploratório. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.5-35, jan./jun. 1997.
- CENDÓN, B. V. Bases de dados de informação para negócios. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 31, n. 2, p. 30-43, ago. 2002.
- CHOO, C. W. Perception and use of information sources by chief executives in environmental scanning. *Library and Information Science Research*, v. 16, p. 23-40, Winter 1994.
- CHOO, C. W.; AUSTER, E. Environmental scanning acquisition and use of information by managers. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 28, p. 279-314, 1993.
- DAVENPORT, T. H. *Ecologia da informação*: porque só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação. São Paulo: Futura, 2000.
- DIAS, E. J. W. O papel de empreendedor na gerência de bibliotecas e serviços de informação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, v. 20, n. 1, p. 9-22, jan./jun. 1991.
- FERRAZ, E. O que faz com que algumas empresas sejam brilhantes na arte de inovar. *Exame*, 2 out. 2002.
- FERRARI, F. M.; MARTINELLI, D. P.; JOYAL, A. Uso da informação e capacidade de inovação das PMEs brasileiras. In: SBRAGIA, R.; STAL, E. (Ed.). *Tecnologia e inovação: experiências de gestão na micro e pequena empresa*. São Paulo : PGT-USP, 2002. p. 277-293.
- KREMER, J. M. Avaliação de fontes de informação usadas por engenheiros. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 10, n. 2, p.65-78, jul./dez. 1982.
- KUGLIANSKAS, I. *Tornando a pequena e média empresa competitiva: como inovar e sobreviver em mercados globalizados*. São Paulo : IEGE, 1996.
- MACIEL, N. *Garimpo do passado: quem compra antiguidades deve ficar atento para não levar falsificações ou reproduções*. Saiba como identificá-las. Disponível em: <http://www2.correioweb.com.br/cw/2001-07-21/mat_46598.htm>. Acesso em: 23 set. 2003.
- MARTELETO, R. M. Análise das redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, abr. 2001.
- MARTELETO, R. M. Informação: elemento regulador dos sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno? *Ciência da Informação*, Brasília, v. 16, n.2, p. 169-180, jul./dez. 1987.
- MIRANDA, R. C. da R. O uso da informação na formulação de ações estratégicas pelas empresas. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 28, n.3, p. 286-292, dez. 1999.

- MORILLAS, J. L. H. Páginas web sobre exposiciones virtuales de fondo antiguo: recopilación y análisis. *Profesional-de-la-Información*, v. 11, n. 2, p.121-2, 124-6, 128-30, 132-4, 136, Feb. 2002.
- MYERS, R.; HARRIS, M. (Ed.). *Antiquaries, book collectors, and circles of learning*. New Castle: Oak Knoll Press, 1996. 165 p.
- NEVES, J. T. de R.; CARVALHO, A. C. M. de. Análise das necessidades de uso de informação em empresas incubadas de biotecnologia de Minas Gerais. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, p. 217-230, jul./dez. 2000.
- NÓBREGA, J. C. da. *Memórias de um viajante antiquário*. São Paulo: Raizes, 1984.
- PETTIGREW, K. E.; FIDEL, R.; BRUCE, H. Conceptual frameworks in information behavior. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 35, p. 43-78, 2001.
- SANTOS, J. de A. *Manual do colecionador de antiguidades*. São Paulo [s.n.] 1975.
- SANTOS, J. de A. *No mundo estreito dos antiquários*. São Paulo: MASP, 1981.
- SCHAUDER, D. Entrepreneurship and the academic library: insights from organization theory. *AUTUM Quarterly*, v. 2, n. 1, p.36-50, 1988.
- SVEIBY, K. E. *A nova riqueza das organizações: gerenciando e avaliando patrimônios do conhecimento*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- TARPANI, C. *Informação, biblioteca e extensão rural: estudos de caso na CATI-SAA/SP* 1992. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, 1992.
- WANG, P. L. Methodologies and methods for user behavioral research. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 36, p. 229-264, 2002.
- WOOD, D. N. User studies: a review of literature from 1966 to 1970. *Aslib Proceedings*, v. 23, n. 1, p. 11-23, Jan. 1971.